



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 de abril de 2018

Diário Catarinense

Terremoto

“Três cidades registram tremores”

Três cidades registram tremores / Bolívia / Terremoto / Itajaí / Palhoça / São José / Defesa Civil / Doutor em Geociências / Professor / UFSC / Luiz Fernando Scheibe

TERÇA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 2018

DIÁRIO CATARINENSE 8

TERREMOTO

Três cidades registram tremores

EFEITOS DOS ABALOS na Bolívia foram sentidos em Itajaí, Palhoça e São José, além de outros pontos do país, mas sem gravidade

DAGMARA SPAUTZ E ROELTON MACIEL
dagmara.spautz@somosnsc.com.br
roelton.maciei@somosnsc.com.br

A Defesa Civil de Santa Catarina recebeu ontem relatos de tremores em pelo menos três cidades: Itajaí, no litoral Norte, Palhoça e São José, ambas na Grande Florianópolis. No entanto, não houve gravidade.

No final da manhã, a Defesa Civil de Itajaí recebeu pelo menos 15 ligações de pessoas que afirmaram ter sentido um leve tremor de terra. O horário coincidiu com o terremoto registrado na Bolívia, que atingiu magnitude 6,8 e gerou efeitos também em outros Estados.

Todos os relatos em Itajaí vieram de cinco edifícios que ficam em bairros diferentes, especialmente na Fazenda, no

Centro e na Vila Operária. Um deles foi o prédio da Brasil Foods (BRF), na Avenida Beira-Rio.

Durante a tarde, engenheiros da Defesa Civil de Itajaí fizeram vistorias nos locais de onde partiram as ligações. Nenhum dano estrutural foi identificado.

– Bateu a porta, meu rodo que estava encostado na parede caiu. Outros moradores falaram que balançou lustre, cortina, televisão – conta Mariana do Amaral, moradora de um prédio no bairro Vila Operária.

Apesar de a Defesa Civil ter sido acionada em três cidades, não emitiu alerta porque não houve constatação de risco. O secretário de Estado da Defesa Civil, Rodrigo Moratelli, explica que o tremor percebido em regiões de Santa Catarina é classificado como micro, decorrente das ondas sísmicas provo-

cadas pelo evento na Bolívia.

– Tecnicamente, o abalo não aconteceu na nossa região. Temos protocolos para agir em colapso de edificação, para atender essa situação crítica. Porém, não é uma característica recorrente – reforça.

PRÉDIOS EVACUADOS EM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL

Outras cidades no país também sentiram o tremor de terra. Em São Paulo e em Brasília, prédios inteiros foram evacuados – entre eles, a sede da Infraero, em Brasília, e o Ministério Público de São Paulo.

O Serviço Geológico dos Estados Unidos informou que o epicentro do abalo sísmico ocorreu a 13 quilômetros da localidade de Carandayti, no Sul da Bolívia.

FIQUE ATENTO

Confira os procedimentos adotados pelo Corpo de Bombeiros para ocorrências relacionadas a tremores de terra.

1 Evacuação dos prédios. Quando percebido o incidente, usar escadas de emergência.

2 A brigada de incêndio deve ser acionada para ajudar na evacuação.

3 Normalmente, são procuradas rachaduras em elementos estruturais importantes, como vigas, colunas, pilares e paredes.

4 Até a checagem nas estruturas, a edificação deve estar sem a presença de pessoas.

5 O ideal é que seja feito treinamento de evacuação da edificação a cada seis meses.

NOVOS SISMOS

• O tremor de terra ocorrido na manhã de ontem na Bolívia, que foi sentido em várias cidades brasileiras, poderá acontecer outras vezes, segundo o professor de sismologia Lucas Vieira Barros, do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília (UnB).

• “Essa não foi a primeira vez, nem será a última. Sismos grandes e profundos vão continuar acontecendo nos Andes e sentidos aqui no Brasil”, disse o professor.

• Apesar de serem terremotos fortes, os tremores nos Andes não são suficientes para causar grandes estragos no Brasil.



Bombeiros vistoriam prédio do Ministério da Fazenda, em Brasília, após receber relato de tremores



Avenida Paulista, na região centro-sul de São Paulo, teve locais evacuados

Impacto sentido em Santa Catarina é considerado fenômeno raro

A relação entre o terremoto na Bolívia e os relatos de tremor sentido em Santa Catarina indicam um fenômeno raro. Doutor em Geociências, o professor José Gustavo Natorf de Abreu, da Univali, diz que é mais fácil haver reflexo no litoral catarinense quando o tremor ocorre no Oceano Atlântico. Cerca de cinco anos atrás, um terremoto nessas con-

dições foi levemente sentido em Itajaí e Balneário Camboriú.

Para haver reflexo de um tremor ocorrido na Bolívia, explica o professor, é preciso atentar para a profundidade do fenômeno. Quanto mais profundo, maior o raio de propagação e, portanto, maior a possibilidade de sentirmos os reflexos do abalo. O Serviço Geológico dos Estados Unidos

informou que o terremoto ocorreu a 557 quilômetros de profundidade, o que levou os efeitos para além do território boliviano.

CARACTERÍSTICAS DOS PRÉDIOS INFLUENCIARAM

Também doutor em Geociências, o professor da UFSC Luiz Fernando Scheibe observa que,

em função da grande profundidade, as ondas sísmicas do terremoto tiveram grande propagação, alcançando parte de Brasil e Chile.

Na avaliação do especialista, alguns moradores de cidades como Itajaí, São José e Palhoça sentiram o abalo por causa das características dos prédios onde estavam:

– A percepção depende mui-

to da fundação dos prédios. Se estão ancorados firmemente em rochas, por menor que seja o movimento das ondas, ele pode sacudir um pouquinho. Mas não chega a ter problemas estruturais por isso.

Quanto mais alta a edificação, observa Scheibe, mais fortemente esses movimentos podem ser percebidos.

Diário Catarinense e A Notícia Giro Financeiro "Marchas forçadas"

Marchas forçadas / João Rogério Sanson / Professor / Economia / UFSC /
Economia Brasileira



MACROECONOMIA

JOÃO ROGÉRIO SANSON

PROFESSOR DE ECONOMIA DA UFSC

Marchas forçadas

Os motoristas em geral sabem que dirigir com a marcha errada danifica o motor. De 1973 a 1980 e de 2006 a 2011, o país induziu sua economia a crescer em marcha forçada, com pane logo depois.

No ano de 1980, terminou o ciclo econômico iniciado em 1961, se medido por picos do Produto Interno Bruto (PIB). Por sua vez, 2011 foi o final do ciclo iniciado em 1997. Significativas quedas do PIB acompanharam o término de ambos os ciclos.

Nas crises internacionais de 1973 e de 1979, houve multiplicação dos preços do barril do petróleo. O impacto sobre o custo em dólar das importações foi brutal, com rápida redução das reservas dessa moeda.

Havia pelo menos duas opções de ajuste. Uma seria o que países como a Coreia do Sul e o Japão fizeram: cortar gastos públicos e induzir o aumento das taxas de juros, diminuindo a demanda de bens e serviços nacionais e importados. Vários países com controle do preço do dólar aumentaram-no para diminuir ainda mais as importações, principalmente as de petróleo. Mas isso significou a diminuição do crescimento do PIB, com queda em diversos casos.

A segunda opção de ajuste, feita pelo Brasil, foi manter o crescimento do PIB. Visando a ter mais dólares para pagar as importações, o governo estimulou o endividamento externo por meio das empresas estatais e do setor privado. Além disso, optou por maior participação de empresas estatais, existentes e novas, na ampliação do investimento total da economia. Não deu certo, e os anos 1980 ainda são conhecidos como a década perdida.

Durante o ciclo econômico terminado em 2011, a crise financeira internacional estourou ao final de 2008. Não houve problema com o pagamento de importações, pois o país aprendera a lição das décadas anteriores e fizera caixa em dólar.

Como ajuste, o país estimulou a demanda de bens por meio da redução de tributos sobre bens duráveis, redução forçada da taxa de juros e forte expansão do crédito de bancos públicos. Além disso, reduziu preços de energia e criou novas empresas estatais. Como resultado, o PIB cresceu mais do que a taxa de tendência até 2011, desacelerando nos anos seguintes até cair fortemente em 2015 e 2016.

Assim, em ambas as crises internacionais, o país apostou em políticas de estímulo à demanda. Num caso, o endividamento foi externo; noutro, interno. A inflação, já crescente desde 1973, disparou de 1980 em diante. Embora em taxas menores, a inflação também subiu a partir de 2008, beirando o limite superior da meta. Nos dois casos, as escolhas de marchas forçadas causaram sérios estragos no motor da economia brasileira dali em diante.

Durante os anos seguintes a 1980, os ajustes institucionais para o controle da inflação e da dívida externa ocorreram durante mais de duas décadas. Mas de 2011 em diante, o motor voltou à oficina.

ESCOLHAS
DE MARCHAS
FORÇADAS
CAUSARAM
SÉRIOS ESTRAGOS
NO MOTOR
DA ECONOMIA
BRASILEIRA

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Veleiro ECO UFSC ficará em exposição durante a Volvo Ocean Race em Itajaí](#)

[Caso Marielle e Direitos Humanos na Ditadura são tratados em evento](#)

[Veleiro construído pela UFSC para pesquisa científica é atração na Vila da Regata](#)

[Alexandre Ramos toma posse como ministro do TST nesta quarta-feira](#)

[Debate sobre o caso de Marielle Franco e Direitos Humanos acontece na UNESC](#)

[Desenvolvimento e turismo em SC – Vinicius Lummertz - Presidente da Embratur](#)

[Conselho da Cidade é empossado para nova gestão](#)

[Inscrições para Oficina de Cordas seguem abertas até sexta-feira](#)

["E quando o juiz é \(in\)justo?": Ex-desembargador tubaronense lança novo livro de romance](#)

[Veleiro ECO da UFSC participa da Regata da Volvo Ocean Race em Itajaí](#)

[Alunos de escola de Florianópolis escolhem nome de inseto descoberto na Amazônia](#)

[Volta à Ilha desafia corredores em 140km em diferentes terrenos](#)

[Com filmes, teatro e contação de histórias, Capital recebe 9ª Semana do Livro Infantil](#)